

A L F R E D O P I M E N T A

NOVOS ESTUDOS
FILOSÓFICOS E CRÍTICOS

UELINT NOLINT, INUIDI!

PARTE I

FILOSOFIA GERAL

AS CONFERÊNCIAS DE MALINES

Por inconfidências ou alusões autorizadas, mas vagas, reticenciadas, sabia-se, suspeitava-se dos encontros que se tinham dado entre católicos e anglicanos, sob a presidência do falecido Cardial Mercier, há anos, e para o fim de se chegar a um entendimento dogmático e disciplinar da Igreja católica e da Igreja anglicana. Eram, porém, tão imprecisos, tão leves, os elementos que essas inconfidências ou alusões forneciam à Crítica, que ninguém, com responsabilidade efectiva, se atreveria a emitir opinião sobre o caso ou mesmo a fazer ideia apreciável do que se passava.

Quando o Pontífice Romano publicou a sua Encíclica *Ubi arcano Dei*, a ninguém passaram despercebidas as palavras referentes às almas afastadas da Unidade da Igreja, aos rebanhos que não pertenciam ao Rebanho, e a evocação do texto neo-testamentário: «et alias oves habeo et illas oportet me adducere... et fiet unum ovile et unus pastor».

Isso certificava-nos que alguma coisa de muito sério houvera ou havia. Mas quê?

A Crítica que se exerce sobre depoimentos pessoais, ou boatos correntes, não é de meu jeito, nem para a atender, quando é feita pelos outros, nem para a exercer, quando sou solicitado a isso. Respeito muito o que dizem os outros; mas é-me secundário o que os outros dizem. Um texto, por muito comentado, por muito estudado, por muito analisado que tenha sido já, oferece sempre aspectos novos, pontos de vista não tratados ainda. Não há noções anatómicas aprendidas em *Tratados de Anatomia*, por melhor que estes sejam,

que valham as que se adquirem por observação directa, no cadáver.

Os textos são, para o filósofo e para o crítico, o que o cadáver é para o anatómico...

Por isso, nunca fiz a mais leve alusão a acontecimento de tanta transcendência como êsse dos encontros de católicos e anglicanos, sob a presidência do Cardial Mercier.

Hoje, porém, o caso é outro. Estão publicados os textos autênticos do facto (1). Lord Halifax reuniu num volume as actas das sessões, a que juntou, como apêndices, dezasseis documentos fundamentais: 1) *Apêlo dos bispos anglicanos reunidos em Lambeth, em 1920*; 2) *Memória de lord Halifax apresentada aos membros anglicanos e católicos*; 3) «*Memorandum*» preparatório da segunda conferência de Malines; 4) *Resumo do que se passou em Malines, até 1923*; 5) e 6) *A posição de S. Pedro na Igreja primitiva*; estudos do dr. Robinson (anglicano) e de Monsenhor Batiffol (católico); 7) e 8) *Os textos pedrinos sobre o primado e a sua interpretação*; estudos do dr. Kidd (anglicano) e de Monsenhor Batiffol (católico); 9) *Memória do dr. Kidd sobre o alcance das medidas adoptadas, durante a Reforma, na Inglaterra, contra a autoridade do Papa*; 10) e 11) *Memória de Monsenhor Van Roey sobre o Episcopado e o Papado sob o ponto de vista teológico*; réplica do dr. Kidd; 12) *Memória do padre Hemmer sobre as Relações do Papa e dos Bispos consideradas sob o ponto de vista histórico*; 13) *Memória de Dom L. Beauduin, sobre a Igreja anglicana unida, não absorvida*, lida pelo Cardial Mercier; 14) *Resposta ao «Memorandum» do dr. Gore* (que não vem publicado), por Monsenhor, Batiffol: trata-se da distinção entre os Dogmas não fundamentais; 15) *Algumas considerações sobre As relações dos Papas e dos Bispos*; 16) *Memória apresentada pelos católicos na Conferência de Malines*

(1) *The conversations at Malines (1921-1925), original documents edited by Lord Halifax*. Houve quem considerasse inoportuna esta publicação, principalmente por causa do Relatório de Dom L. Beauduin.

de 11 e 12 de Outubro de 1926: é o resumo unilateral do que se passara em Malines nas reuniões anteriores.

Sejamos impecavelmente objectivos. Limitemo-nos, portanto, a pôr o leitor ao facto do que se passou, habilitando-o a saber o que foram as célebres conferências de Malines.

No outono de 1921, lord Halifax procurou, em Malines, o Cardial Mercier, e perguntou-lhe se estaria disposto a receber alguns dos seus amigos, anglicanos como êle, e desejosos, como êle, de trabalhar pela aproximação da Igreja católica romana. Na sua opinião, o momento era oportuno, porque duzentos e cinquenta bispos inglêses, reunidos em Lambeth, tinham manifestado bem claramente o seu vivo desejo de ver realizar-se a unidade católica visível da cristandade. O Cardial Mercier pôs-se à disposição de Lord Halifax.

E começaram as conferências. São quatro, com várias sessões. A primeira sessão realizou-se em 6 de Dezembro de 1921, às 10 horas da manhã, no palácio arquiépiscopal de Malines; a última foi em 20 de Maio, às 7 ¹/₄ da tarde, de 1925.

A primeira conferência (1921) teve cinco sessões: duas no dia 6 de dezembro; duas no dia 7; uma no dia 8.

A segunda conferência (1923) teve quatro sessões: duas no dia 14 de Março; duas no dia 15.

A terceira conferência (1923) teve cinco sessões: duas no dia 7 de Novembro; três no dia 9.

A quarta conferência (1925) teve cinco sessões: duas no dia 19 de Maio; três no dia 20.

Às duas primeiras conferências, assistiram, do lado católico, o Cardial Mercier, Monsenhor Van Roey e F. Portal; do lado anglicano, lord Halifax, o dr. Armilage Robinson e Walter Frere.

Às duas últimas conferências, assistiram, do lado católico, o Cardial Mercier, Van Roey, Batiffol, Portal, Hemmer; do lado anglicano, lord Halifax, Gore, Frere, Robinson, Kidd.

§ 1.º Primeira conferência

a) PRIMEIRA SESSÃO:

Depois de o Cardial Mercier ter feito as saudações próprias do Acto que ia realizar-se, e de todos os presentes terem feito o sinal da cruz, lord Halifax conta o que se passou na Conferência de Lambeth, e resume a sua Memória (2). Resolve-se tomar esta memória como base das conferências. E o Cardial Mercier lê, então, o texto.

Católicos e anglicanos estão de acôrdo em que é pelo Baptismo que se entra na Igreja, pondo-se de lado o problema de se saber se é possível fazer parte da Igreja invisível sem o baptismo formal. De acôrdo também em que a iniciação constituída pelo baptismo deve desenvolver-se numa vida social organizada. Ainda de acôrdo em que esta vida organizada se manifesta principalmente pela hierarquia que desce dos Apóstolos por uma sucessão ininterrupta dos Bispos, que, por êsse facto, são de direito divino, e pelos sacramentos.

Trata-se do problema do Concílio de Trento e da possível conciliação dos trinta e nove artigos de 26 de Janeiro de 1563 com os decretos daquele concílio. O dr. Robinson, depois de várias considerações, diz que não lhe parece que êsses trinta e nove artigos sejam razão impeditiva da aproximação.

E trata-se, a seguir, do Concílio do Vaticano. ¿Como é que uma verdade se torna em verdade de fé, para os católicos-romanos? perguntam os anglicanos. Resposta textual: «1.º: Uma verdade é tida como de fé, se é professada explicitamente como tal por tôda a Igreja; 2.º: Se um Concílio ecuménico a define como de fé; concílio ecuménico é aquele que é convocado ou presidido pelo Papa, e aprovado por Êle; 3.º: Se o Papa falando *ex cathedra* fala como Chefe da Igreja universal e define uma verdade».

Os anglicanos observam isto: 1.º: que não consideram ecuménicos os concílios de Trento e do Vaticano; 2.º: que desejam saber se um Concílio não é necessário para conhecer que uma verdade é de fé.

Responde-se-lhes que o Concílio ecuménico é um dos meios para definir uma verdade como revelada. Mas o privilégio da Infalibilidade não separa o Papa da Igreja. E o Cardial Mercier dá esta noção do dogma: «Um dogma não é a expressão duma verdade nova, mas a fórmula autêntica duma verdade que se contém desde a origem no depósito da Revelação».

b) SEGUNDA SESSÃO:

Discutem-se os Sacramentos. Acôrdo geral. E há impressão de que não será difícil chegar-se a acôrdo sôbre a doutrina dos Sacramentos como meios de graça e de vida espiritual.

Volta o problema dos Dogmas. Os anglicanos perguntam: «¿que critério adoptam os católicos para distinguirem as verdades de fé definida das que o não são?». Resposta textual: «o documento deve indicar claramente a vontade, por parte da autoridade, de impor uma verdade como de fé, e esta vontade reconhece-se pelo emprêgo de certas fórmulas, por exemplo, *si quis dixerit... anathema sit*, ou como na definição da Imaculada Conceição: *definimus auctoritate...*».

Os anglicanos observam que praticamente as decisões das Congregações Romanas, têm uma fôrça que difficilmente se aceitará na Igreja da Inglaterra.

Aborda-se o problema da Jurisdição. De acôrdo em que os Bispos são instituídos de direito divino; mas os anglicanos defendem uma tal ou qual descentralização — uma certa liberdade às igrejas locais. Os católicos observam que é preciso não menosprezar o direito de iniciativa dos Bispos e dos católicos: e lembram a resistênciã dos católicos às exortações de Leão XIII em face da lei do Septanato apresentada por Bismark, e a dos Bispos belgas em face das leis escolares.

c) TERCEIRA SESSÃO:

Lê-se o Apêlo dos Bispos de Lambeth. E o Cardial Mercier vai-o comentando.

Principais comentários:

O Apêlo diz: «The Holy Scriptures, as the record of God's revelation of Himself to man, and as being the rule and ultimate standard of faith».

O Cardial Mercier afirma nitidamente que os católicos não podem aceitar esta doutrina. A Sagrada Escritura tem que ser interpretada, e essa interpretação só a Igreja pode fazê-la.

Os anglicanos concordam, e perguntam que lugar ocupam, no ensino dos católicos, as provas emanadas da Escritura.

Resposta: nas teses teológicas, é costume citar: 1.º a Escritura; 2.º A tradição e os Padres da Igreja; 3.º A Definição dogmática, se existe.

O Cardial Mercier desenvolve, então, o tema de que não é possível uma sociedade sem um chefe, dizendo, entre outras coisas que os Bispos, vivendo em meios tão diversos, sujeitos às suas fraquezas e paixões pessoais, estão sujeitos a dividir-se como os padres da mesma diocese, e os fiéis da mesma paróquia. ¿Qual é o factor da Unidade? Aquele que na mesma família se chama o Pai, e numa sociedade, o Soberano. E termina: «¿concebem os senhores que na estação de Vitória haja dois chefes? ; Quantos desastres se não dariam imediatamente!».

Lord Halifax objecta que a Unidade da Igreja é mantida pelo Espírito Santo. Insistindo muito na necessidade dum chefe visível faz lembrar a conduta do povo de Israel quando pedia um Rei. Êle deseja ver a Igreja anglicana regressar à Igreja Romana, mas é impossível, historicamente, negar que a acção dos Papas nem sempre salvaguardou a unidade. Isto não invalida a argumentação de Sua Eminência. E lord Halifax recorda que o dr. Church, a maior autoridade na Igreja anglicana, reconhecia que sem a acção do Papado, os Bispos não teriam podido, na Idade Média, defender-se da autoridade do Poder Civil.

O Cardial Mercier concorda em que o Espírito Santo é a alma da organização, mas acrescenta que o esqueleto desta, não sendo tudo, é muito importante.

O Padre Frere intervém: queremos a unidade, e não nos mete medo a ideia dum Papado como centro dessa unidade — uma vez que seja não o Papado como actualmente existe, mas o Papado que o futuro condicione. Voltar aos caminhos percorridos no passado, não; que cada Igreja ou comunhão tenda à unidade, num avançar convergente.

d) QUARTA SESSÃO:

Continua a leitura do Apêlo de Lambeth. Troca ligeira de observações sem grande importância.

e) QUINTA SESSÃO:

O Deão de Wells (dr. Robinson) pergunta ao Cardial Mercier que segrêdo se deve guardar do que se tem passado. Sua Eminência responde: 1.º) segrêdo absoluto para a Imprensa; 2.º) falar de Malines a poucas pessoas e sempre confidencialmente; 3.º) é útil e legítimo trazer as autoridades a par de tudo — mas confidencialmente; 4.º) falar em nomes, só em último caso; 5.º) o *Compte-Rendu* deve ser confidencial.

§ 2.º Segunda conferência

a) PRIMEIRA SESSÃO:

Toma-se como base da conferência o Memorandum inglês (3) e trocam-se impressões sobre o grau de autorização concedida pelos Bispos anglicanos aos anglicanos presentes. Monsenhor Van Roey pergunta: ¿o Memorandum representa a opinião da Igreja anglicana? O Deão de Wells responde que sim. O Cardial Mercier deseja saber que posição é, na Igreja anglicana, a do Arcebispo de Cantorbéry. Resposta: tem a jurisdição canónica efectiva na sua província, e além disso é o centro e o chefe da Igreja anglicana, sem ter uma verdadeira jurisdição sobre todas as dioceses que estão em comunhão com Cantorbéry. Tem voto consultivo, e não deliberativo.

O Deão de Wells cita o axioma inglês: «nenhuma autoridade estrangeira tem jurisdição na Inglaterra». E pergunta: será possível harmonizar os poderes do Papa com este axioma?

Portal responde que há, entre os teólogos católicos, duas opiniões: a que faz derivar tãda a jurisdição do Papa; e a que faz derivar a jurisdição dos Bispos, directamente de Nosso Senhor, embora o exercício dessa jurisdição dependa da autorização do Papa.

Monsenhor Van Roey distingue o *facto* e o *direito*: o Papa não pode renunciar ao seu direito de jurisdição ordinária ou immediata, mas pode restringir o exercício dêsse direito.

O Cardial Mercier pensa que admitido o princípio do direito, o Soberano Pontífice concordaria com o funcionamento normal da autoridade local sem a sua intervenção.

Trocam-se impressões sôbre a rectificação das ordens sacras. Duas impossibilidades, diz o sr. P. Portal: nem os católicos podem pedir aos anglicanos que esqueçam três séculos da sua história; nem os anglicanos podem pedir aos católicos que se desdigam. Procure-se a solução.

b) SEGUNDA SESSÃO:

Os anglicanos entendem que regularisada a posição do Arcebispo, o Papa não teria que intervir na nomeação dos sufragâneos.

O Cardial Mercier duvida que isso seja possível.

Os anglicanos pedem que se mantenham os seguintes usos: 1.º) The use of the vernacular and the English rite; 2.º) Communion in both Kinds; 3.º) Authorization of marriage of the clergy.

O Cardial Mercier diz que os dois primeiros poderiam ser concedidos; quanto ao terceiro, é provável que a situação dos padres actuais se não modificaria, mas parece-lhe bem difícil que se admitisse o casamento para os padres que viessem a ordenar-se. O sr. Portal reforça as considerações de Sua Eminência. Os anglicanos reconhecem as vantagens teóri-

cas do celibato, mas não concordam com a sua obrigatoriedade.

c) TERCEIRA SESSÃO:

Combina-se a redacção do documento católico e anglicano que resuma o que se tem passado e terá de ser apresentado respectivamente ao Pontífice e ao Arcebispo de Cantorbery.

d) QUARTA SESSÃO:

Leitura e aprovação do documento de que se tratou na sessão anterior.

§ 3.º Terceira conferência

a) PRIMEIRA SESSÃO:

Leitura e discussão da Memória do dr. Robinson (5).

b) SEGUNDA SESSÃO:

Leitura e discussão da resposta de Batiffol (6) à Memória do dr. Robinson.

c) TERCEIRA SESSÃO:

Leitura e discussão dos resumos ou conclusões das duas Memórias precedentes, tendo-se em conta as considerações a que deram azo quando foram apresentadas.

d) QUARTA SESSÃO:

Leitura e discussão da Memória do dr. Kidd (9). No fim, discute-se o termo *jurisdição*. A Igreja anglicana, informa o dr. Robinson, não pode aceitar o termo «jurisdição do Papa». ¿Porque não adoptar a de «spiritual leadership»? ¿Porque não atribuir-lhe «a General superintendence»? ¿Porque não impor-lhe «a care for the wel-being of the Church as a whole».

O Bispo Gore não gosta da expressão «General superintendence». E propõe a de «spiritual responsibility».

e) QUINTA SESSÃO:

Leitura da acta da sessão anterior.

§ 4.º Quarta conferência

a) PRIMEIRA SESSÃO:

Leitura e discussão da Memória de Van Roey (10). No fim, os anglicanos voltam a perguntar como é que se reconhece uma definição da fé. Responde Van Roey que se reconhece que o Papa usa o seu poder de definir infalivelmente, quando: 1.º) procede como pastor e doutor da Igreja universal; 2.º) quer fazer uso da plenitude do seu poder, dizendo-o ou dando-o a entender; 3.º) ensina uma doutrina referente à fé e aos costumes, e como pertencendo à revelação divina; 4.º) a impor como obrigatória para todos.

b) SEGUNDA SESSÃO:

Leitura e discurso da Memória de P. Hemmer (12).

c) TERCEIRA SESSÃO:

A acta começa por uma declaração comum: a da vantagem que traria a reunião de anglicanos e católicos: os anglicanos ganhariam com o poder de unidade que o Primado romano lhes traria; os católicos ganhariam com a experiência e o génio próprio dos anglicanos.

O Cardial Mercier lê a Memória do beneditino Dom L. Beauduin (13).

O Bispo Gore declara que em caso de reunião não bastava tratar com o arcebispo de Cantorbery e os bispos que residem em Inglaterra, mas também com os bispos da América e todos os que estão de acordo com a conferência de Lambeth; que a organização é relativamente secundária, pois que acima de tudo estão os Dogmas.

O dr. Robinson pergunta: a autoridade romana concederia aos anglicanos a liberdade de não aderir expressamente

aos Dogmas definidos depois da separação? ¿Seria possível um período durante o qual não se fôsse obrigado a professá-los, tomando-se o compromisso de os não negar?

O padre Hemmer observa que nos anglicanos há uma liberdade de crença excessiva. O dr. Frere acentua a existência de duas mentalidades: a que define muito, para simplificar a doutrina; e a que define o menos possível, para deixar à verdade tôdas as suas virtualidades. O padre Hemmer concorda, mas diz que há verdades que não podem ficar no vago, no impreciso. O dr. Core compreende as reservas do padre Hemmer; concorda em que se exija aos anglicanos que adiram ao *Credo*, mas há dogmas fundamentais e dogmas que o não são. Talvez fôsse possível a reconciliação sôbre a fé dos primeiros concílios. Mas, insiste, o essencial é a distinção dos dogmas. E lê a sua memória — que Lord Halifax não publica. Batiffol responde com outra Memória (14) que não chega a ler na sua totalidade.

d) QUARTA SESSÃO:

Monsenhor Batiffol continua a leitura da sua resposta ao Bispo Gore.

O Cardial Mercier lembra que é preferível deixar ao tempo o encargo de amadurecer tôdas as reflexões emitidas.

Os anglicanos perguntam: 1.º) ¿pode-se copiar a Memória de Dom L. Beauduin? O Cardial Mercier autoriza a que se façam extractos para uso dos membros presentes. 2.º) ¿deve-se publicar alguma coisa a respeito destas conferências? O Cardial Mercier responde: documentos, não; mas os títulos dos assuntos tratados.

e) QUINTA SESSÃO:

Lord Halifax agradece ao Cardial Mercier tôdas as atenções recebidas, e pede-lhe que abençõe a assembleia. E terminaram as conferências de Malines.

Os documentos são peças de valor notável — embora desi-

gual. Alguns dêles estudos superiores como sínteses de teologia e história eclesiástica. ¿Que dizer da Memória de Dom Beauduin, que se julgou, como já disse, inoportuna?

O melindre do assunto e a gravidade especial das teses defendidas nela impõem-nos tôdas as reservas, na sua apreciação.